

## Experiência Extensionista de Estudantes de Enfermagem em um Projeto de Educação em Saúde e Sexualidade na Escola

*Nursing Student Extension Experience In a School Health And Sexuality Education Project*

### Resumo

Trata-se de um relato de experiência em ações educativas realizadas com adolescentes, no período de 2014 a 2016. Objetivou-se descrever e discutir a experiência extensionista de estudantes de enfermagem em um projeto de educação em saúde e sexualidade na escola, como parte do ensino de graduação de uma universidade pública do Estado de Minas Gerais. As atividades incluíram participação no planejamento, execução e avaliação de discussões sobre saúde e sexualidade do adolescente, bem como apreensão de metodologias ativas de ensino e técnicas de investigação. A experiência conferiu aos estudantes a apropriação de conhecimentos e habilidades exigidas para a formação profissional do enfermeiro.

**Palavras-chave:** Enfermagem; Educação Superior; Saúde Escolar; Comportamento Sexual; Adolescência.

Daniele Knopp Ribeiro<sup>1\*</sup>  
Maria Theresa da Silva Vieira<sup>2</sup>  
Tamiris Rodrigues Carvalho<sup>3</sup>  
Ana Paula da Silva Pinheiro<sup>3</sup>  
Rodolfo Ribeiro de Jesus<sup>4</sup>  
Fabiana de Oliveira Freitas<sup>5</sup>  
Sueli Maria dos Reis Santos<sup>5</sup>  
Maria Cristina Pinto de Jesus<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), MG.

<sup>2</sup>Bolsista do Programa Interinstitucional de Iniciação Científica – UFJF/FAPEMIG.

<sup>4</sup>Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC).

<sup>5</sup>Secretaria Municipal de Educação, Juiz de Fora, MG.

\*E-mail: dani\_knopp@hotmail.com

*Abstract*

*It is an experience report on educational actions carried with adolescents, from 2014 to 2016. The objective of this study was to describe and discuss the extension experience of nursing students in a health and sexuality education project in the school as part of undergraduate teaching at a public university in the State of Minas Gerais. The activities included participation in the planning, execution and evaluation of discussions on adolescent health and sexuality, as well as apprehension of methodologies active teaching and research techniques. The experience gave students the appropriation of knowledge and skills required for the professional training of nurses.*

*Keywords: Nursing; Education, Higher; School Health; Sexual Behavior; Adolescence.*

**INTRODUÇÃO**

A Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) tem como objetivo principal promover a equidade e a melhoria das condições e dos modos de viver, ampliando a potencialidade da saúde individual e coletiva, reduzindo vulnerabilidades e riscos à saúde decorrentes dos determinantes sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais. Para concretizar as ações de promoção da saúde, a PNPS traz como um dos seus eixos operacionais a educação em saúde e formação, que se constitui em uma estratégia de incentivo à atitude permanente de aprendizagem sustentada em processos pedagógicos problematizadores, dialógicos, libertadores, emancipatórios e críticos[6].

Neste contexto, evidencia-se a escola, cenário importante para a construção da cultura de saúde, que pode fortalecer as capacidades individuais e da comunidade, assim como a criação de ambientes saudáveis. A atuação do enfermeiro na escola pode ocorrer por meio de promoção de discussões, debates técnicos, além de fortificação das relações sociais entre os profissionais da saúde e educação[11].

A adolescência é considerada uma fase de tensão e descoberta devido às inúmeras transformações físicas e biológicas concomitantes às psicológicas e sociais, próprias da fase. É em meio a todas essas transformações que ocorre o despertar da sexualidade – parte da personalidade de cada ser humano e uma necessidade básica que deve ser abordada junto a outros aspectos relevantes da vida[9]. Esse cenário ressalta a necessidade de esclarecimentos aos jovens sobre saúde e sexualidade, visando à sua proteção e prevenção de agravos à saúde e à vida. Nesse contexto, salienta-se a importância da atuação de profissionais das escolas e da equipe de saúde, por meio de oficinas educativas que abordem temas como saúde sexual e reprodutiva para os adolescentes[9].

A gravidez na adolescência pode constituir-se em um agravo, no que concerne à saúde, vida escolar e social dos adolescentes. Em Minas Gerais, estudo realizado em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), com 149 gestantes registradas no SisPre-Natal/Datasus, constatou que 33 (22,1%) delas eram adolescentes. Entre as adolescentes grávidas, 18,2% eram pré-adolescentes (até 14 anos de idade), 36,4% tinham entre 15 e 17 anos de idade e 45,4% eram maiores de idade (18 ou 19 anos). Entre os 169 nascimentos na área de abrangência da UBS estudada, no ano de 2009, 13 (7,7%) foram classificados como prematuros, sendo que quatro deles eram de mães adolescentes. Estimou-se uma taxa de 12,1% de prematuros entre as adolescentes[7].

Investigação realizada em Porto Alegre mostrou que, além de prejuízos na vida escolar e social, um elevado percentual de mães adolescentes entre 14 e 16 anos (32,6%) apresentou sofrimento psíquico durante a gravidez, o que requer atenção por parte dos profissionais da saúde, com vistas a evitar prejuízos, não somente às adolescentes como também aos seus bebês[13].

Em relação às doenças sexualmente transmissíveis, estudo sobre a tendência temporal dos coeficientes de incidência da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA) por 100 mil crianças menores de 14 anos residentes em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, nos anos de 1996 a 2012, mostrou elevados coeficien-

tes de incidência dessa doença em menores de 14 anos, quando comparados aos do Estado e da região Sul do país. Com menor coeficiente de incidência, inferior a 10/100.000 em 2012, o acometimento de crianças de 10 a 14 anos, no estudo, chegou a 15% do total de casos. Consumo de drogas, situações de rua e baixa escolaridade têm sido apontados como fatores associados à infecção pelo vírus HIV[8].

Neste contexto de vulnerabilidade dos adolescentes, o enfermeiro atua como facilitador da educação em saúde, visando a prevenção de agravos e a promoção da saúde desse grupo populacional, considerando a saúde como uma interação positiva dos aspectos que influenciam a vida[2]. A educação em saúde é uma atividade intrínseca ao exercício profissional do enfermeiro, por isso precisa ser vista como um processo dialógico, inclusivo e problematizador, que busca a construção da consciência crítica das pessoas. Ela deve ser considerada como uma prática educacional transformadora, criativa, que envolve todos os sujeitos para a superação de limites, trazendo responsabilidade, autonomia, além de oportunizar ampliar a visão de mundo[3].

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem da instituição de ensino cenário da experiência extensionista, os graduandos deverão desenvolver habilidades em atividades de educação para a saúde nas fases do ciclo vital (do nascimento ao envelhecimento), em relação à promoção da saúde, prevenção de agravos, assim como em situações de reabilitação da saúde. Independentemente de cursar a Licenciatura em Enfermagem ou não, o enfermeiro deve ter competência e habilidade para desenvolver ações pedagógicas, visando ao direito à cidadania e à participação plena na sociedade. Para tal, faz-se necessário definir estratégias pedagógicas que articulem o saber fazer e o saber conviver, visando desenvolver o aprender a aprender, o aprender a ser, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a conhecer, que constituem atributos indispensáveis à formação do enfermeiro[1].

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Enfermagem, com o objetivo de normatizar o ensino superior de enfermagem, definiram as características fundamentais do ensino, o perfil do egresso e as habilidades e competências específicas do enfermeiro. Entre essas competências, ressalta-se a de planejar e implementar programas de educação e promoção da saúde, considerando a especificidade dos diferentes grupos sociais e dos distintos processos de vida, saúde, trabalho e adoecimento[4].

Diante do exposto, este estudo teve como objetivo descrever e discutir a experiência extensionista de estudantes de enfermagem em um projeto de educação em saúde e sexualidade na escola, como parte do ensino de graduação de uma universidade pública do Estado de Minas Gerais.

Refletir sobre a participação dos estudantes de graduação em enfermagem em um projeto de educação em saúde e sexualidade realizado em uma instituição escolar poderá agregar valor ao ensino universitário, no sentido do compromisso com a qualidade na formação em saúde e superação de despreparos pedagógicos para trabalhar as questões de saúde na adolescência.

## MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência de estudantes de enfermagem, como facilitadores no projeto de extensão universitária, realizado no período de 2014 a 2016, que articula as ações da UBS com as atividades educativas realizadas em uma escola pública de ensino fundamental e médio, de um município de Minas Gerais.

A UBS está situada na região oeste da cidade e conta com agentes comunitários de saúde na equipe profissional para atender à demanda de cerca de 30 mil habitantes em sua área de abrangência. Esta unidade de saúde é cenário de ensino clínico para estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, de uma universidade pública e de outras instituições de ensino superior.

A escola pública de ensino fundamental e médio compartilha o espaço territorial da UBS e atende aproximadamente 1.300 crianças e adolescentes. Os professores que atuavam na escola, no período de realização do projeto, eram receptivos e se envolviam ativamente nas atividades de extensão universitária.

O Projeto de Extensão, fundamentado nos princípios da pesquisa-ação, teve como objetivos identificar as necessidades de aprendizagem de escolares adolescentes sobre questões de saúde e sexualidade; conhecer sua percepção sobre comportamento sexual e discutir as necessidades de aprendizagem e expectativas em relação à adoção de comportamento sexual seguro. A oficina educativa foi utilizada como estratégia, visando promover maior envolvimento e participação dos adolescentes na apresentação e discussão dos temas[15].

A equipe extensionista foi composta de docentes e estudantes de enfermagem e medicina, bolsistas e voluntários que atuavam semestralmente como facilitadores nas oficinas educativas; a enfermeira, responsável técnica da Unidade de Saúde, e professores da escola pública do ensino fundamental e médio, que se dispuseram a participar. Contava também com os estudantes da Disciplina Fundamentos e Tecnologia do Cuidar em Enfermagem II, componente curricular do Curso de Graduação em Enfermagem ministrada no 4º semestre do curso, com carga horária de 180 horas, distribuídas em 60 horas de teoria e 120 horas de prática.

As reflexões deste relato de experiência foram realizadas pela equipe do projeto, no período entre janeiro e abril de 2017. O Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Instituição de Ensino Superior envolvida, conforme o Parecer nº 527.650, CAAE: 26474014.0.0000.5147.

O método da pesquisa-ação possui doze fases/pressupostos que se inter-relacionam e são flexíveis[14,16]. Na primeira fase, exploratória, faz-se o levantamento da situação para estabelecer os objetivos da investigação. Em seguida, define-se o tema de interesse dos participantes e pesquisadores, buscando-se obter a cooperação e interesse mútuo. Tema e objetivos adquirem sentido em um campo teórico e prático. A teoria fornece sustentação aos achados e deve ser trazida para a discussão no grupo. A elaboração de hipóteses visa possíveis soluções para o problema de pesquisa.

O instrumento indicado para a coleta de dados é o seminário/oficina pois centraliza todas as informações coletadas, facilitando as interpretações. Por ser ob-

servacional, de abordagem qualitativa, a pesquisa-ação pode abranger geograficamente uma comunidade concentrada ou espalhada, sendo sua representatividade definida em conformidade com os princípios desse tipo de pesquisa. A coleta dos dados é realizada com instrumentos de abordagem coletiva ou individual em profundidade. Tem como pressuposto que tanto os pesquisadores como os participantes aprendem ao investigar e discutir as ações, considerando que os dois sempre terão algo a contribuir um com o outro. O plano de ação pressupõe o envolvimento dos participantes na elaboração das atividades que buscam a solução do problema identificado. Finalmente, faz-se a divulgação dos resultados no âmbito do grupo e também externamente por meio da veiculação científica.

Com base nas fases/pressupostos explicitados, a experiência extensionista realizou-se a partir das seguintes etapas:

**1ª Etapa:** Contato entre a equipe extensionista e os adolescentes, para levantamento da situação problema e estabelecimento dos objetivos da investigação; elaboração do tema de interesse dos participantes e pesquisadores; definição da sustentação teórica para discussão do tema e alcance dos objetivos teórico e prático e, elaboração de hipóteses e planejamento das oficinas educativas.

A cada semestre, antes de iniciar as atividades, realizaram-se três reuniões para obter as autorizações e planejamento das ações educativas. Em seguida, agendava-se uma reunião com a coordenadora pedagógica da escola para apresentação da proposta e definição das turmas, número de adolescentes que participariam das oficinas educativas, professores envolvidos, bem como dias, horários de interesse da escola.

A equipe reunia-se semanalmente para estudo teórico, elaboração das hipóteses e planejamento das oficinas.

Na primeira oficina educativa, os estudantes de enfermagem faziam a apresentação da proposta para os adolescentes; solicitava-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) dos pais/responsáveis, assim como a assinatura do Termo de Assentimento pelos adolescentes. Em seguida, fornecia-se o questionário sociodemográfico para preenchimento com a supervisão dos estudantes de enfermagem, contendo ainda uma questão aberta para identificar qual o conteúdo de maior interesse para discussão nas oficinas educativas.

**2ª Etapa:** Coleta dos dados, realizada com instrumentos de abordagem coletiva e/ou individual em profundidade, de modo a promover o envolvimento de todos os participantes, na busca de soluções para os problemas identificados.

As oficinas educativas eram realizadas durante o horário destinado às disciplinas de português, biologia, inglês, geografia, entre outras, considerando a disponibilidade do professor para participar do projeto junto à equipe extensionista.

Para operacionalizar o trabalho educativo, os adolescentes eram distribuídos em grupos e, a cada oficina identificavam-se e discutiam-se as situações de vulnerabilidade dos adolescentes, considerando o nível de informação sobre saúde e

sexualidade, assim como os comportamentos de risco a que estão expostos.

Os estudantes de enfermagem utilizavam a projeção de slides e vídeos e disponibilizavam material instrucional para os adolescentes com vistas a motivar a discussão dos temas.

A partir de dinâmicas os adolescentes eram incentivados a refletir sobre temas relacionados à saúde e sexualidade, tendo como questões indutoras: “Para você, como é o comportamento sexual seguro?” “O que facilita e o que dificulta manter um comportamento sexual seguro?”.

As oficinas educativas, com duração de 50 minutos, eram planejadas para grupos de até 20 escolares, de modo a totalizar cinco oficinas por semestre destinadas a cada grupo de adolescentes. Considerou-se que, com este número de oficinas, os objetivos do projeto de extensão seriam alcançados, ou seja, oportunizar aos adolescentes aprendizagem e discussão acerca da relevância da promoção de hábitos de vida saudáveis e adoção de comportamento sexual seguro, com vistas à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez não planejada.

**3ª Etapa:** Observação, registro e análise das atividades realizadas nas oficinas e dos depoimentos obtidos por meio da entrevista individual com os participantes; divulgação dos resultados da investigação no âmbito do grupo e também externamente, por meio de apresentação em eventos e publicação em periódicos científicos.

O produto das oficinas educativas era registrado em cartazes, confeccionados pelos adolescentes, com apresentação oral da síntese da discussão dos grupos, garantindo assim o envolvimento de todos.

Ao final de cada oficina, destinava-se um tempo para autoavaliação dos adolescentes, utilizando-se de dinâmicas que propiciassem aos participantes a expressão do conhecimento, da habilidade e da atitude frente às atividades propostas, inclusive para, a partir do consenso do grupo, construir o planejamento do conteúdo/tema que seria desenvolvido na oficina seguinte.

Durante as reuniões de avaliação da equipe, os estudantes de enfermagem eram estimulados a observar atentamente as atividades e a sistematizar os registros do diário de campo utilizado durante as oficinas, assim como, a fazer depoimentos acerca de suas percepções sobre o trabalho educativo realizado. Para tal, utilizou-se a entrevista com questões abertas, gravada em áudio, realizada após a assinatura do TCLE, a partir das seguintes questões: Fale sobre como é realizar trabalho educativo com adolescentes na escola. Por que você participa de atividades educativas com adolescentes? O que você espera alcançar com essa participação?

Para a organização e análise do material, obtido na experiência, procedeu-se a leitura em profundidade das transcrições das entrevistas e registros do diário de campo. Foram identificados os trechos que mostravam os aspectos significativos, reveladores da importância do trabalho educativo na visão dos estudantes de enfermagem. Os resultados obtidos foram discutidos com a literatura sobre educação em saúde.

Para assegurar o anonimato dos participantes, em consonância com a Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde[5], os fragmentos dos depoimentos dos estudantes de enfermagem, facilitadores das oficinas, foram identificados pela palavra “Estudante”, acompanhada do número correspondente à ordem da Entrevista.

**RESULTADO**

Durante o período de realização do projeto, foram realizadas 30 oficinas de trabalho educativo com 120 escolares adolescentes, abordando os seguintes temas: Conceito Ampliado de Sexualidade, Dupla Proteção: preservativo e contraceptivos, Gravidez na Adolescência e Doenças Sexualmente Transmissíveis (Figura 1).

Dez estudantes de enfermagem atuaram como facilitadores do trabalho educativo. Estes estavam regularmente matriculadas do 5º ao 9º semestre do curso, com idades entre 22 e 25 anos, solteiros, sendo que um deles tinha uma filha de 3 anos.

Os acadêmicos de enfermagem que cursavam o ensino clínico na Disciplina Fundamentos e Tecnologia do Cuidar em Enfermagem II estavam distribuídos em turmas de 10 estudantes em cada semestre, totalizando 60 discentes de 2014 a 2016.

De acordo com os estudantes de enfermagem, a metodologia ativa utilizada nas oficinas e as atividades avaliativas motivaram a participação dos adolescentes nas atividades extensionistas, especialmente os meninos, cujo quantitativo era maior nas turmas. Os adolescentes mostraram-se desinibidos e aproveitaram as

Ao se autoavaliarem, frente ao trabalho educativo realizado com os adolescentes, os estudantes de enfermagem consideraram que as atividades extensionistas oportunizaram o aprendizado mútuo, especialmente pela proximidade de idade entre eles. Os facilitadores das oficinas ressaltaram que a participação no projeto ajudou a vencer a timidez e a articular os temas saúde e sexualidade, como mostra o relato: [...] *eu adoro fazer esse trabalho com adolescentes, é uma troca de aprendizado de informações, porque acabamos aprendendo com eles também. No começo, rola timidez de ambas as partes. Porque também nós estamos aprendendo o assunto, mas depois flui bem. É bom trocar conhecimento (me sinto bem com isso), o mais engraçado é que, pelo fato da gente ser quase da idade deles, eles se sentem à vontade de comentar, participar, perguntar, e isso torna o ensino muito mais gostoso e proveitoso* (Estudante 3).

Segundo os estudantes de enfermagem, a atividade educativa foi considerada relevante para a formação profissional: [...] *eu acredito que a enfermagem não é só realização de procedimentos, hospitais, Unidades de Pronto Atendimento e postos de saúde. A enfermagem é educar, orientar. Participo desse projeto nas escolas porque acredito na promoção da saúde fora do ambiente da saúde; existe uma participação muito maior na escola; perto dos amigos, eles se soltam. Penso que o trabalho educativo deve ser usado pela enfermagem sempre, em todas as situações, ele pode ajudar muitas pessoas* (Estudante 4).

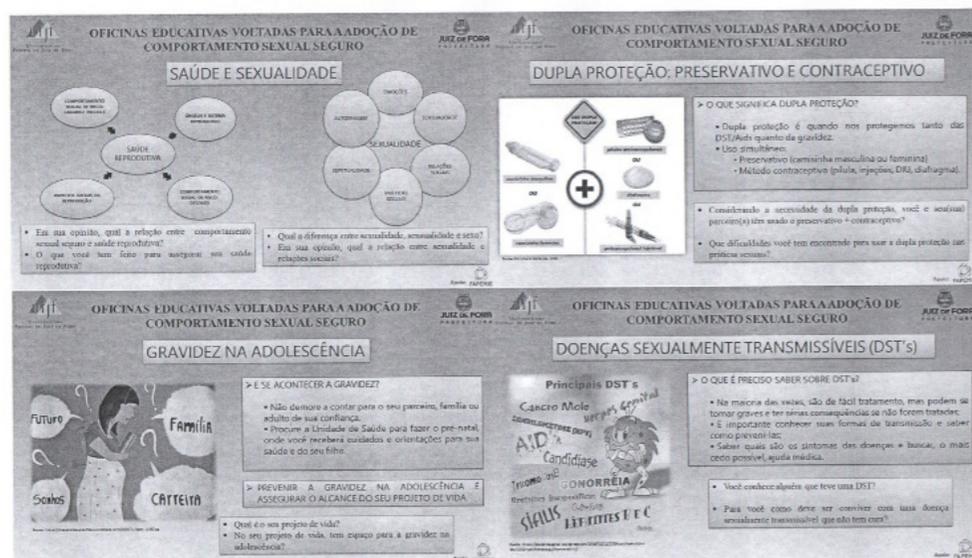
Com a experiência adquirida, os estudantes de enfermagem esperam ajudar os adolescentes na conscientização e responsabilização por seus atos frente ao cuidado com o corpo e com a sexualidade: [...] *como futuras enfermeiras, temos o dever de informar para que esses adolescentes possam programar uma futura gravidez desejada e também se prevenir das doenças sexualmente transmissíveis. Por isso eu acho esse trabalho é essencial para nossa formação como enfermeira e para a comunidade* [...] (Estudante 1).

Os estudantes de enfermagem expressaram preocupação em selecionar estratégias participativas para assegurar o envolvimento dos adolescentes nas atividades educativas, facilitando o aprendizado dos temas: [...] *nós sempre fazemos dinâmicas e todos participam, até os mais quietinhos acabam se soltando. [...] parece que eles ficam mais à vontade de conversar sobre esse assunto com a gente, do que com pais e professores* (Estudante 4). [...] *sempre fazemos dinâmicas, buscamos vídeos no “You Tube” e até brincadeiras e todos participam, até os mais quietinhos acabam se soltando. No final, nós aprendemos com eles e eles aprendem com a gente, ao meu ver, é uma forma de ensinar e aprender descontraída e eficiente* (Estudante 6).

**DISCUSSÃO**

Como mostram os resultados, as oficinas educativas, facilitadas por estudantes de enfermagem, estimularam os adolescentes a se envolverem ativamente nas discussões sobre saúde e sexualidade. Nesse sentido, a literatura salienta que, quando as atividades de educação e saúde ocorrem em territórios definidos segundo a área de abrangência da Estratégia Saúde da Família, nível de Atenção Primária

Figura 1: Material didático instrucional utilizado nas oficinas educativas, Juiz de Fora, 2016



oficinas para obter informações sobre prevenção de doenças, gestação precoce e sobre o uso correto do preservativo masculino nas relações sexuais.

à Saúde (APS), torna-se possível a criação de núcleos e ligações entre os equipamentos públicos da saúde e da educação (escolas, centros de saúde, áreas de lazer como praças e ginásios esportivos, entre outros). Além disso, a Escola é considerada um espaço institucional privilegiado para realizar o encontro entre a educação e a saúde, pois propicia a convivência social necessária ao estabelecimento de relações favoráveis à promoção da saúde e à educação integral do adolescente[6].

O espaço educativo, proporcionado pelas ações extensionistas, contribuiu para que os adolescentes compartilhassem informações sobre comportamento sexual seguro e se tornassem mais reflexivos e críticos em relação à sua saúde. Também estimulou o uso consciente de métodos contraceptivos, especialmente do preservativo masculino, em todas as relações sexuais. Nessa perspectiva, a enfermagem atua na promoção da saúde, cuidando de um enfermo ou proporcionando subsídios para que sua equipe possa atuar permanentemente. Assim, o processo de cuidar está embasado na compreensão da educação em saúde e em princípios da humanização. Cabe ao enfermeiro ser um facilitador, na tomada de decisões das pessoas em relação ao estilo de vida saudável, com vistas à promoção da saúde e prevenção de agravos[12].

Especificamente para os estudantes de enfermagem, considerando que o enfermeiro é um educador em saúde, participar do projeto de extensão universitária propiciou o desenvolvimento de habilidades para o exercício da função educativa, essencial para as ações profissionais, quer na assistência, no ensino ou na pesquisa. A presença do enfermeiro na escola é fundamental na atenção aos processos de promoção em saúde ao estimular debates sobre os processos de saúde e doença, além de fortalecer as relações sociais entre profissionais da educação e da saúde[11].

Os estudantes de enfermagem trabalharam a tomada de decisão e a construção de pensamentos reflexivos favoráveis à saúde dos adolescentes, a partir do desenvolvimento de habilidades na promoção da saúde, embasados em conhecimentos científicos e na troca de saberes entre profissionais de saúde e educação. Destaca-se aqui a importância dos trabalhos de educação em saúde, por consistirem em discussões entre o público-alvo e os profissionais, de modo diferenciado da mera transmissão de informações. Assim, a abordagem problematizadora da realidade potencializa a construção do conhecimento[2].

O projeto também proporcionou aos estudantes de enfermagem desenvolver habilidades na utilização de metodologias de aprendizagem e de pesquisa. A aplicação da metodologia ativa conduz os participantes a aprender a aprender, a repensar e a reconstruir a educação fundamentada na prática cotidiana do trabalho, com futuras repercussões na qualificação e valorização profissional, levando em conta as potencialidades dos envolvidos no processo educativo[10]. Portanto, abordar as questões de saúde com escolares adolescentes, utilizando metodologias ativas é fundamental para que o cuidado em saúde seja resolutivo, devendo essa prática ser assumida cotidianamente pelos profissionais de saúde[2].

A experiência adquirida nas atividades de extensão universitária oportunizou aos estudantes elaborar trabalhos de conclusão do Curso de Graduação em En-

fermagem. Além disso, propiciou à equipe apresentar os resultados das ações extensionistas em eventos científicos e preparar manuscritos para publicação.

Como vimos, as atividades educativas em saúde são significativas para a construção de um sistema de saúde integral, uma vez que promovem uma articulação entre os focos assistencial, investigativo, educativo e gerencial relacionados às práticas de atenção à saúde. Entende-se que o espaço educacional se configura como um instrumento para as transformações que ocorrem no campo da saúde, promovendo a interação, fortalecendo ações e atividades, permitindo a articulação entre os saberes em saúde e o cotidiano das pessoas envolvidas[2].

## CONCLUSÃO

A experiência de estudantes de enfermagem em atividades de educação em saúde e sexualidade na escola, em um contexto de extensão universitária, mostrou-se relevante pois contribuiu para qualificar a formação do enfermeiro como educador na APS. Além da aquisição de habilidades em ações educativas de promoção da saúde e prevenção de agravos, a experiência propiciou aos estudantes reduzir a timidez e ampliar sua autoconfiança na abordagem aos adolescentes. Em contrapartida, esses adolescentes tiveram a oportunidade de esclarecer dúvidas com profissionais de saúde e de refletir sobre a relevância de se adotar comportamentos saudáveis em relação à saúde e à sexualidade.

Acrescenta-se que este relato de experiência também mostrou que as atividades extensionistas, que articulam equipamentos educacionais e de assistência, podem qualificar as práticas em saúde, especialmente no contexto da APS.

## REFERÊNCIAS

- [1] **ÁVILA, V.C. et al.** Visão dos Docentes de Enfermagem Sobre a Formação de Enfermeiros-líderes. *Cogitare Enfermagem*, v. 4, n. 14, p. 621-7, 2012. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/viewFile/30357/19635>>. Acesso em: 01 abr. 2017.
- [2] **AZEVEDO, I.C. et al.** **Compartilhando saberes através da educação em saúde na escola: interfaces do estágio supervisionado em enfermagem.** *Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro, Caicó*, v. 1, n. 4, p.1048-56, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/565/579>>. Acesso em: 05 abr. 2017.
- [3] **BACKES VMS, LINO MM, PRADO ML, REIBNITZ KS, CANAVER BP.** Competência dos enfermeiros na atuação como educador em saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.61, n.6, p.858-65, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n6/a11v61n6.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- [4] **BRASIL. Ministério da Educação.** Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. *Diário Oficial da União, Ministério da Educação*, Brasília, DF, 2001. Disponível em: <[http://www.cofen.gov.br/resolucao-cnecnes-no-3-de-7-de-novembro-de-2001\\_35373.html](http://www.cofen.gov.br/resolucao-cnecnes-no-3-de-7-de-novembro-de-2001_35373.html)>. Acesso em: 03 abr. 2017.
- [5] **BRASIL. Ministério de Estado da Saúde (BR).** Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília. 2013. *Diário Oficial da União*, nº 12, seção 1, p. 59. Ministério da Saúde, Brasília, DF, 2001. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>. Acesso em: 03 abr. 2017.

[6] BRASIL. Política Nacional de Promoção da Saúde, PNPS: revisão da Portaria MS/GM nº 687, de 30 de março de 2006, Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnps\\_revisao\\_portaria\\_687.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnps_revisao_portaria_687.pdf)>. Acesso em: 04 abr. 2017.

[7] GUANABENS, M.F.G. et al. Gravidez na adolescência: um desafio à promoção da saúde integral do adolescente. Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v.36, n. 1, Supl. 2, p. 20-4, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v36n1s2/a04v36n1s2.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

[8] MELO, M.C. et al. Incidência e mortalidade por AIDS em crianças e adolescentes: desafios na região sul do Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 21, n. 12, p. 3889-98, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n12/1413-8123-csc-21-12-3889.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

[9] NERY, I.S. et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 287-92, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v28n3/1982-0194-ape-28-03-0287.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

[10] PRADO, M.L. et al. Arco de Charles Magueréz: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 172-177, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v16n1/v16n1a23.pdf> Acesso em: 18 jul. 2017.

[11] RASCHE, A.S.; SANTOS, M.S.S. Enfermagem escolar e sua especialização: uma nova ou antiga atividade. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 66, n. 4, p. 607-10, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n4/v66n4a22.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

[12] RIBEIRO, J.L.P. Educação para a saúde. Psicologia, Saúde & Doenças, Lisboa, v. 16, n. 01, p. 03-09, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v16n1/v16n1a02.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

[13] ROSSETTO, M.S.; SCHERMANN, L.; BÉRIA, J.U. Maternidade na adolescência: indicadores emocionais negativos e fatores associados em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre, RS, Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 19, n. 10, p. 4235-46, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v19n10/1413-8123-csc-19-10-4235.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

[14] SILVA, J.M. et al. Pesquisa-ação: concepções e aplicabilidade nos estudos em enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília, v. 64, n. 3, p. 592-5, Jun 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n3/v64n3a26.pdf> Acesso em: 13 Nov. 2017.

[15] SOUSA, V.M.; CAMURÇA, A.M. Discutindo saúde sexual com adolescentes de uma escola estadual de Fortaleza – CE. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES. EDUCAÇÃO, SAÚDE, MOVIMENTOS SOCIAIS, DIREITOS SEXUAIS E DIREITOS REPRODUTIVOS, 2009, Anais. Salvador, 2009. 12 p. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2012/04/DISCUINDO-SAUDE-SEXUAL-COM-ADOLESCENTES-DE-UMA-ESCOLA-ESTAD.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2017.

[16] THOLLENT M. Metodologia da pesquisa-ação. 16ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

